

PRIMEIRO SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE GEOGRAFIA

I

As relações internacionais são condição imprescindível da vida científica. Por isso o pequeno grupo do Centro de Estudos Geográficos, com a inestimável ajuda de alguns distintos especialistas doutras matérias, não hesitou em tomar sobre si o pesado encargo da organização do XVI Congresso Internacional de Geografia (1949), o primeiro grande encontro de geógrafos depois da longa interrupção causada pela guerra (XV Congresso, Amsterdam, 1938). Daí por diante, atraídos pelo que as excursões do Congresso haviam revelado tanto em aspectos originais do país como nas linhas de pesquisa aplicadas ao seu estudo, nunca mais o Centro deixou de receber estrangeiros, que connosco vinham estudar ou trabalhar; fomos também solicitados para a organização e direcção de excursões de estudo das Universidades de Bordéus (por duas vezes), Lovaina, Liège, Rouen e das Escolas Normais Superiores de Saint-Cloud e de Fontenay (Paris); outras vezes recebemos a visita de colegas ilustres para quem, além de conferências e colóquios, organizámos propositadamente excursões. O Centro de Estudos Geográficos, ou a Faculdade de Letras, ouviram assim P. BIROT, H. LAUTENSACH, EMM. DE MARTONNE, P. DEFONTAINES, P. MONBEIG, G. FERRO, R. DION, HILGARD O. R. STERNBERG, MARGUERITE LEFÈVRE, AROLDO DE AZEVEDO, J. DESPOIS, O. DOLLFUS. Mas, para além do interesse que podiam suscitar os nomes dos conferencistas ou as matérias tratadas no público curioso, o número de geógrafos que podia beneficiar destes contactos era reduzidíssimo. Uma reforma desastrosa, que vigorou 27 anos, separara completamente a Geografia da História e colocara na Faculdade de Ciências

os dois primeiros anos de uma licenciatura que não houvera a coragem de amputar da Faculdade de Letras. O resultado foi uma assustadora baixa de frequência, sucedendo ainda que alguns alunos completavam na Faculdade de Ciências os estudos aí iniciados. A situação na Universidade de Coimbra não era muito diferente. O resultado foi o desguarnecimento dos quadros do ensino secundário e a dificuldade de preparar, entre tão baixo número de estudantes não seleccionados, alguns geógrafos para a pesquisa e o ensino superior. Basta dizer que, por mais de uma vez, houve apenas um aluno por ano; que, num exame de admissão ao estágio de professores do liceu, para o qual se abriram 18 vagas, se apresentou apenas um candidato aproveitável; que, entre os três primeiros assistentes de Geografia da Universidade de Lisboa, dois não tinham o curso onde iam ensinar — embora houvessem adquirido no Centro de Estudos Geográficos a preparação conveniente.

Nos últimos tempos, com a reforma de estudos promulgada em 1957, a situação melhorou e apareceu um número animador de estudantes, donde já é possível escolher os melhores. Para se avaliar como é jovem o grupo de trabalho do Centro de Estudos Geográficos, bastará dizer que, dos doze colaboradores científicos do tempo do Seminário, sete tinham menos de 30 anos de idade. Formou-se assim, por um lado, um grupo de gente nova, alargado com a presença permanente e mais ou menos demorada de bolseiros ou investigadores estrangeiros. Por outro, há muito que o Centro organiza, todos os anos, uma série de colóquios abertos ao público e cada vez mais frequentados: antigos alunos que gostam de não perder o contacto, professores do ensino secundário que desejam manter-se a par dos progressos da Ciência, pessoas de várias profissões (geólogos, engenheiros, agrónomos, etc.) curiosas da Geografia e dos problemas de «fronteira» que ela suscita com os respectivos estudos ou formas de actividade. Com uns e com outros se constituiria o público mais conveniente a um Seminário: suficientemente numeroso para garantir às lições uma assistência «decente», não tão vasto que dificultasse as discussões nos trabalhos práticos e os contactos pessoais que cada um desejasse estabelecer.

A Fundação Calouste Gulbenkian, que tão generosamente tem proporcionado ao Centro a mais larga parte dos seus recursos, prontificou-se a subsidiar integralmente o Seminário, por intermédio do seu Serviço de Ciência. Pela nossa parte, alojando os convidados num hotel simples e prescindindo de festas e recepções, tudo fizemos com a maior economia ⁽¹⁾.

Acertados em todos os pormenores no fim das férias de 1966, aceites os convites dos eminentes geógrafos que nele haviam de colaborar, uma questão de precedência fez que só à última hora fosse superiormente autorizada a realização do Seminário ⁽²⁾. Assim, em seis semanas apenas, aprontou-se a organização material indispensável, difundiram-se circulares, preparou-se uma exposição bibliográfica da Geografia portuguesa, dos diferentes tipos de cartografia e de um cento de fotografias e algumas dezenas de diapositivos das colecções do Centro relativas ao Continente, às Ilhas Adjacentes e a todos os territórios ultramarinos, excepto Timor — o único onde ainda ninguém do nosso grupo trabalhou. Tudo se deve à capacidade e dedicação de ILÍDIO DO AMARAL que, além de me animar quando eu já não considerava possível, pela estreiteza de tempo, realizar o Seminário, tomou sobre si o pesado encargo de dirigir toda a organização material dele, compreendendo as excursões — parte essencial de qualquer reunião de Geografia. Fê-lo com a sua discrição habitual e, verificando como tudo estava afinado, muitos participantes nem sequer avaliaram a larga parte que lhe cabia no agrado com que o Seminário decorreu. Dentro de usos que já são velhos *na casa*, tanto o pessoal científico como auxiliar do Centro trabalhou com entusiasmo e dedicação — especialmente de louvar naqueles que, não colhendo satisfações científicas, apenas têm gosto de corresponder à maneira como habitualmente são tratados.

A fórmula do Seminário tornou-se original pela simplicidade com que foi concebida. Há muito que se fazem reuniões

(1) Custou o Seminário, compreendendo as excursões e a publicação das lições, 200 contos.

(2) A autorização, solicitada em 11 de Outubro de 1966 pelas vias competentes, foi concedida em 25 de Janeiro de 1967 por um officio que foi enviado, com toda a urgência, directamente ao director do Centro de Estudos Geográficos, dispensando então aquelas vias atrasativas.

geográficas que têm por tema um assunto ou uma região. Mostra a experiência que, não sendo assim, as pessoas se sentem afogadas na disparidade de assuntos e no desenrolar simultâneo das sessões de trabalho. Aqui, procurou-se apenas mostrar como a Geografia é, ao mesmo tempo, *una* e *vária* e que o cerne da ciência está precisamente no encontro, no confronto e na síntese das suas diversas — e por vezes divergentes — linhas e sectores de pesquisa. A este propósito corresponderam admiravelmente os geógrafos convidados que, alojados no mesmo hotel para que se pudessem conhecer melhor, assistiram espontaneamente a todos os trabalhos do Seminário. Correspondeu também o público que, embora marcasse preferência pelos assuntos menos «especializados», acorreu numeroso a todas as aulas.

Entre os geógrafos convidados procurámos que estivessem representadas orientações de trabalho diversas mas *actuais*. Sentimos não ter conseguido a participação de nenhum geógrafo alemão, pelo relevo científico da Geografia germânica, espanhol e marroquino, pelo interesse de confrontar aspectos, problemas e resultados entre países afins em tantos aspectos da Geografia física e humana. Mas os convites ficam em aberto para outra vez. O número de cinco professores, com duas aulas e uma sessão de trabalhos práticos por semana — mostrou-o a experiência —, é a fórmula que, variando sem fatigar, permite a quem o deseje seguir completamente os trabalhos.

II

PIERRE DANSEREAU, antigo professor e director da Faculdade de Ciências da Universidade de Montréal, director adjunto do Jardim Botânico de Nova York e professor da Universidade Columbia, é um velho conhecido da Geografia portuguesa e brasileira. A sua experiência abrange toda a escala da vegetação, desde a selva equatorial da Amazónia até aos bosques de vidoeiros e coníferas que sublinham a doce ondulação do relevo no Québec, donde é natural. No Brasil investigou e ensinou; em Portugal, aonde vem com frequência, atraiu-o especialmente a vegetação das Ilhas Atlânticas, de que nos deu um panorama baseado nos resultados das suas próprias

pesquisas. Botânico com espírito geográfico, prezando a companhia dos geógrafos, é autor dum pequeno tratado de Biogeografia, modelar pela clareza e pela novidade da orientação. A todos encantando por um misto de simplicidade e distinção, trouxe especialmente às excursões o inestimável contributo do seu saber especializado e do profundo conhecimento da flora portuguesa. Desde as visões de conjunto até às observações que só se podem fazer rastejando pelo chão, aprendemos com ele a significação fisionómica e ecológica de várias plantas e a maneira como se constituem e evolucionam certas formações vegetais. Por outro lado, todos apreciaram a atenção que este biogeógrafo eminente prestava aos problemas do relevo, da ocupação agrária e do longo passado rural, à luz do qual, conjuntamente com as condições naturais, é possível interpretá-la. Nascido numa finisterra da América (Gaspésie), educado na fronteira de duas civilizações, utilizando indiferentemente os recursos das duas principais línguas de saber, DANSEREAU é um humanista de raiz e um «cientista» de vocação e ofício. Resolvendo harmoniosamente as «contradições» da «bicultura» que evoca no título de um dos seus livros, é um homem tão atraente pelo saber como pelo trato e pela simpatia humana.

Há muito desejava trazer a Portugal ETIENNE JUILLARD, alsaciano que na Universidade de Estrasburgo fez toda a carreira, de estudante a professor. A sua obra é um modelo de rigor e de finura (ou não fosse ele um discípulo desse incomparável BAULIG) e um exemplo do natural desenvolvimento de uma vocação. Depois de uma tese sobre a *Vida Rural na Baixa Alsácia*, onde os propósitos renovadores se exprimem no subtítulo (*Estudo de Geografia Social*), alargou os seus inquéritos à vida urbana e às relações da cidade com o campo, de que nos falou com tanta proficiência. Excelente conhecedor do seu mundo familiar, enriquecido pela experiência de uma velha terra onde a ocupação agrária ascende ao neolítico e as antigas cidades e aldeias se renovam pela indústria e por novos meios de circulação e de apelo, as suas ideias alargaram-se até novos conceitos de Geografia regional e o seu alto sentido cívico leva-o a ocupar-se das implicações práticas da Geografia, continuando a trabalhar dentro das maiores exigências científicas. A natural reserva em nada prejudica,

neste homem discreto e afável, qualidades de convívio que muitos tiveram ensejo de apreciar.

O meu antigo e brilhante camarada de Paris JEAN DEMANGEOT é autor de uma das mais belas teses de geomorfologia ultimamente aparecidas em França. Tudo sobreleva nela: precisão e minúcia na pesquisa, abertura para novas técnicas de investigação geofísica, economia e elegância na apresentação. À luz do seu profundo conhecimento dos Abruzzos trouxe-nos uma condensação das suas ideias sobre a importância dos movimentos recentes na interpretação do relevo: e fê-lo de uma forma tão clara e atraente que os menos interessados em Geomorfologia seguiram com agrado e com proveito este professor dotado de excepcionais qualidades de comunicação. Raramente os frequentadores de reuniões científicas internacionais têm ocasião de ouvir uma exposição tão nova, pelos factos, pela segurança das interpretações, pela maneira vigorosa e sistemática como o assunto foi apresentado.

ORLANDO VALVERDE traz no sangue toda a vivacidade espanhola caldeada na comunicativa simpatia que caracteriza o Brasileiro. Algumas excursões que fizemos juntos nos arredores do Rio de Janeiro, confrontando as nossas reacções perante paisagens que um português se não furta a olhar comparativamente, fizeram nascer o desejo de continuar o diálogo. Foi-me grato trazer pela primeira vez à Europa este excelente geógrafo — entre os principais colegas brasileiros dos poucos que não conheciam Portugal. VALVERDE é autor de uma lúcida e densa *Geografia Agrária do Brasil*, onde se faz o lugar devido tanto às formas da agricultura progressiva e especulativa como ao persistente substrato ameríndio, que domina na maior extensão do país. O *sistema de roças*, forma de agricultura outrora universal e remanescente entre outras fraquezas e arcaísmos das regiões tropicais, largamente representado no Brasil, tem assim um valor exemplar para uma zona inteira do Globo e interessa especialmente os geógrafos portugueses que trabalham em África. A Amazónia, com a imensidão, a natureza genesíaca, a estranheza e contraste dos modos de vida, as realidades, os mitos e as esperanças que suscita é, sem dúvida, um dos grandes temas da Geografia universal. O auditório, aplaudindo especialmente esta lição,

foi sensível ao papel que o geógrafo, imbuído de humanismo, pode desempenhar, mostrando à clara luz da Ciência os grandes males do nosso tempo e contribuindo para criar uma corrente de opinião que force os senhores do mundo a tentarem um esforço sério de removê-los. Esta é, porventura, a maior utilidade e a principal aplicação da Geografia — e, para o geógrafo, a maneira de servir, ao mesmo tempo, o natural patriotismo e aquela sorte de cidadania do mundo a que todo o saber deve conduzir.

Agradecendo mais uma vez a todos a sua valiosa contribuição, deixou-se a cada um inteira liberdade de lhe dar a forma escrita que entendesse. Assim, os textos que a seguir se publicam são: uns um sumário desenvolvido das lições proferidas, outros uma notícia do assunto, ampliada em relação ao que foi dito.

III

Apesar da tardia difusão das circulares, o interesse que o Seminário despertou foi muito grande: 202 pessoas inscritas, com representação de vários sectores da Ciência e de várias profissões: Geografia (106, dos quais 31 estudantes), oficiais do exército (11), agrónomos (9), engenheiros geógrafos (7), Geologia (8), Etnologia (7), meteorologistas (6), engenheiros (6), economistas (2). Além de estudantes da Faculdade de Letras de Lisboa (31), frequentaram o Seminário alunos do Instituto Superior de Ciências Sociais e Política Ultramarina (31). Muitas pessoas intervieram nas discussões que se seguiram às lições: a título de exemplo publica-se uma das mais animadas, depois de uma exposição do Professor JUILLARD.

Os motivos que retardaram o anúncio do Seminário impediram mais larga participação dos geógrafos de Coimbra, que já tinham organizado uma excursão nas férias da Páscoa. Em compensação, puderam vir a Lisboa os bolseiros do Centro junto das Universidades de Estrasburgo e de Lund e uma geógrafa que trabalhava em Angola ⁽³⁾. Pela mesma razão,

(3) Agradeço aos directores do Serviço de Bolsas da Fundação Calouste Gulbenkian e do Instituto de Investigação Científica de Angola terem autorizado e subsidiado estas deslocações.

não se encarou a possibilidade de recolher participantes vindos expressamente do estrangeiro: no entanto, por jovens geógrafos que, nessa altura, se encontravam trabalhando entre nós, estiveram representados os seguintes países: Alemanha, Brasil, Estados Unidos, França, Holanda e Suíça. Internacional pela colaboração dos professores convidados, foi-o também pela assistência às aulas e pela participação nas excursões.

Uma reunião internacional levanta sempre o problema das línguas de trabalho. As duas mais usadas hoje são o bastante para que nem toda a gente as entenda. Por um lado, o conhecimento do francês é razoável entre nós; por outro, os professores de expressão francesa haviam todos ensinado no Brasil, todos os jovens geógrafos estrangeiros falavam português, alguns com perfeita correcção e fluência. Assim, uma das grandes línguas do mundo e da cultura, sem pretender competir com as de maior comunicação científica, foi também largamente utilizada.

Durante cinco dias, de segunda-feira 13 a sexta 17 de Março, das 9.30 às 12.30 decorreram as 10 aulas, duas de cada professor; quatro tardes foram dedicadas a trabalhos práticos; no fim de duas delas projectaram-se dois filmes geográficos: *A Erupção do Faial em 1957-1958*, com comentário de ORLANDO RIBEIRO, e *Macau*, com comentário de RAQUEL SOEIRO DE BRITO, que filmou as imagens deste e da parte mais violenta e espectacular do anterior.

Visto que o Seminário era apenas uma reunião de trabalho, começou, com toda a simplicidade, na primeira aula, precedida de umas palavras introdutórias de quem subscreve estas linhas ⁽⁴⁾. E com a maior simplicidade terminou quando, no regresso de uma semana de excursão, nos despedimos, à saída do autocarro, na esperança de outros encontros, algures no

(4) Como não se dirigiram convites especiais, agradece-se muito especialmente às entidades que quiseram honrar com a sua presença o início dos trabalhos: os Senhores Reitor e Vice-Reitor da Universidade de Lisboa e Director do Serviço de Ciência da Fundação Calouste Gulbenkian. Agradece-se também ao Senhor Professor Moreira de Sá, Secretário da Faculdade de Letras, todas as facilidades que, na ausência da Senhora Directora, nos concedeu para que pudéssemos ocupar os anfiteatros durante o tempo de aulas.

vasto mundo por onde os geógrafos forrageiam o pábulo da sua curiosidade.

IV

Parece importante conhecer a opinião das pessoas que participaram no Seminário sobre a forma como foi concebido e a maneira como decorreu. Transcrevem-se seguidamente as opiniões dos eminentes geógrafos convidados; para além do que resulte de velhos laços de amizade e de camaradagem, elas reflectem a atmosfera de cordialidade que logo se estabeleceu e contêm algumas sugestões críticas que nos animam a prosseguir no caminho trilhado e a melhorar e variar futuros empreendimentos deste género.

PIERRE DANSEREAU: «Je pense que, malgré la fatigue que vous ont valu ces deux semaines, vous devez être aussi heureux que nous tous du complet succès du Premier Séminaire International de Géographie. Je n'aurai pas souvent examiné des paysages en la compagnie de collègues aussi doués et aussi attentifs que ceux-ci. Encore moins souvent ai-je eu l'avantage d'une interprétation aussi sûre et aussi nourrie que celle que vous nous avez dispensée à tous les tournants. La perspective géologique qui servait de fond à la géomorphologie et la perspective historique qui servait de trame à l'utilisation actuelle des terres faisaient sans cesse varier le foyer de notre intérêt en mettant en place la dynamique du paysage...»

JEAN DEMANGEOT: «Je trouve ce Séminaire très réussi, d'une part par le fait que les professeurs invités étaient en petit nombre, d'autre part par la parfaite organisation des réunions et du voyage sur le terrain. Peut-être le rythme des travaux pratiques était-il un peu fatigant... Ces travaux pratiques ont d'ailleurs posé un problème de matériel: en fait, ils ont consisté le plus souvent en commentaires et en dialogues, fort utiles au demeurant. Le nom de «discussions» leur eût peut-être mieux convenu. Je ne fais pas mention de la gentillesse portugaise, et pourtant elle a contribué à rendre cette rencontre éminemment sympathique. Donc: recommencez!»

ETIENNE JUILLARD: «L'intérêt qu'a présenté, pour tous ses participants, le Séminaire International de Géographie tenu à Lisbonne en mars 1967, et sa parfaite réussite vient... de l'originalité même de sa formule:

1) Contrairement à la plupart des colloques, qui groupent des représentants de la même spécialité étroite (par ex. morphologie périglaciaire, géographie des villes...), il a réuni, comme conférenciers, des professeurs venus d'horizons différents de la science géographique. Chacun a exposé un aspect récemment renouvelé par la recherche, en le mettant à l'épreuve de la discussion. Il s'en est dégagé une image à la fois diverse et une de la science géographique, dont l'unité est de plus en plus menacée par des spécialisations excessives.

2) Il a réuni, parmi les autres participants, des professeurs et des étudiants, des jeunes et des moins jeunes, des chercheurs et des enseignants, des étudiants étrangers en séjour au Centre d'Études Géographiques de Lisbonne, des représentants de disciplines connexes, histoire, ethnologie, urbanisme, etc. Cette exceptionnelle diversité de tous ordres a permis des contacts intéressants, entre disciplines, entre générations, entre professeurs et étudiants. Il est particulièrement remarquable que le professeur ORLANDO RIBEIRO ait réussi à attirer à ces séances des maîtres chevronnés de l'enseignement secondaire qui continuent ainsi à se tenir au courant de l'évolution de leur discipline.

3) Il a combiné quatre types d'activités complémentaires: exposés suivis de discussion, travaux pratiques en salle, exposition de documents, excursions. En particulier la grande excursion qui a clôturé le séminaire a permis non seulement de parcourir le Portugal central sous la conduite de ceux qui le connaissent le mieux, mais encore de prolonger les exposés en trouvant sur le terrain des exemples qui illustrent leurs thèmes et de susciter des discussions fructueuses.

4) La possibilité de se servir du français comme langue de travail a facilité beaucoup la tâche des professeurs français invités, qui ont été très impressionnés par la bonne connaissance de leur langue que possédait tout l'auditoire. Elle a permis aussi de donner à l'ensemble une unité rarement atteinte dans une réunion internationale.

5) Le nombre de cinq professeurs faisant chacun deux exposés et une séance de travaux pratiques est apparu à l'expérience comme un optimum. Il a permis une diversité suffisante, sans tomber dans l'excès.

6) Enfin l'admirable organisation matérielle, due au professeur ILÍDIO DO AMARAL, et la cordialité de bon aloi qui a régné d'un bout à l'autre de ces journées n'ont pas peu contribué à une réussite qu'on imaginerait difficilement plus parfaite.»

ORLANDO VALVERDE: «O Primeiro Seminário Internacional de Geografia pareceu-me um género de certame superior aos Congressos Internacionais de Geografia, promovidos pela U. G. I. Ele permite um largo intercâmbio de ideias entre geógrafos estrangeiros, de um lado, e estudantes, geógrafos e professores portuguesas, de outro; permite igualmente um contacto maior entre os geógrafos convidados, porque estes formam um grupo pequeno e ficam no mesmo hotel...

Na excursão que se seguiu às conferências, as discussões foram ainda mais proveitosas, diante dos próprios factos que constituem a rica e variada geografia do território português.»

Os mais atentos e interessados foram os professores e estudantes de Geografia e os jovens investigadores neste campo. Para os docentes do ensino secundário, muitos dos quais frequentam com regularidade os Colóquios do Centro de Estudos Geográficos, se organizará, num futuro próximo, um curso de actualização de conhecimentos e de discussão de orientação de ensino.

A título de exemplo, transcreve-se a opinião do Dr. JOSÉ NEVES, professor do Liceu de Faro, o menos jovem dos nossos «alunos», mas que a todos surpreendeu e encantou pela atenção crítica e pela vivacidade de espírito. Ê-me especialmente grato registar aqui as palavras do meu antigo e respeitado professor:

«Se a acção científica do Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa não se tivesse traduzido já por uma obra notável, bastaria este Seminário para exprimir o zelo científico do seu director e dos que nele trabalham. Quão longe se está do que era a velha Universidade! Esta extensão cultural aos que já por ela passaram há anos e o contacto tão proveitoso com especialistas nacionais e estrangeiros faz

do Centro de Estudos Geográficos um dinamizador activo da cultura.

Através das notáveis comunicações que foram apresentadas ao Seminário apontaram-se novos caminhos aos que se dedicam aos estudos geográficos e certos conceitos envelhecidos receberam uma luz nova de revitalização.

Durante aqueles quinze dias, senti que regressava aos tempos da juventude: voltara à Universidade, agora renovada por um espírito novo... Nesse regresso ao passado, senti o que há de fecundo num ensino baseado fundamentalmente na observação.»

Ao saber, à simpatia humana e ao poder de comunicação dos nossos convidados, à receptividade e entusiasmo dos outros participantes, se deve o êxito que, para satisfação de todos, alcançou o Primeiro Seminário Internacional de Geografia.

ORLANDO RIBEIRO